

Línguas Páno e suas classificações em família

Páno Languages and their classification in families

*Maria Sueli de Aguiar**

**Universidade Federal de Goiás (UFG)*

Resumo: Os pontos que se abordam no texto são a classificação das línguas Páno em família, suas línguas, etnias Páno. Trata também da questão de os agrupamentos Páno serem referidos por grupos ou por povos, considerando a estrutura deles, mas entendendo que eles podem ter preferência por um ou por outro. Outro ponto desenvolvido é quanto à necessidade de investir na valorização dessas línguas e na autoestima deles. Uma dessas formas seria produzir com eles material didático para disponibilizá-los nas suas escolas. Apresenta um quadro em que citam os 31 grupos Páno distribuídos no Brasil, Peru e Bolívia. Finalizando as discussões reafirmando a necessidade de pesquisas e mais colaboração para os grupos Páno para a manutenção de suas línguas para haver mais segurança nas classificações dessas línguas em famílias.

Palavras-chave: Línguas Páno. Classificação da Família Páno. Pesquisa. Autoestima indígena.

Abstract: The points approached in the text are the classification of the Páno languages in family, their languages, Páno ethnies. It also deals with the question of Páno gatherings being referred as groups or peoples, considering their structure, but understanding that they can have a preference for one or the other. Another point developed is the need for investing in the valuation of these languages and in their self-esteem. One of these ways would be producing with them didactic material to make them available in their schools. It presents a framework in which there are 31 Páno groups distributed in Brazil, Peru and Bolivia. The discussions are finalized reaffirming the need for research and more collaboration for the Páno groups for the maintenance of their languages so that there can be more security in the classification of these languages in families.

Keywords: Páno Languages. Classification of the Páno Family. Research. Indigenous self-esteem.

Introdução

O presente trabalho tem como tema central a classificação das línguas Páno e a constatação de que essa é uma tarefa extremamente complexa. Os pontos que se abordam no texto são a classificação das línguas Páno em família, as línguas e as etnias Páno. Ocupam-se também em discutir a forma de tratamento dos indígenas por parte dos pesquisadores e/ou estudiosos, os povos ou os grupos. Essa questão de os agrupamentos Páno serem referidos por grupos ou por povos tem relação com o fato de considerar ou não a composição deles. Ou seja, observa-se a questão de se ter uma ou mais etnias convivendo em um mesmo espaço. Mas entendendo, todavia, que esses agrupamentos podem ter preferência por um ou por outro.

Outro ponto desenvolvido aqui é quanto à necessidade de investir mais na valorização das línguas Páno, conseqüentemente, contribuir com o reforço da autoestima de seus falantes tradicionais. Uma dessas formas seria produzir com eles material didático para disponibilizá-los nas suas escolas.

É apresentado, além dos mapas das áreas Páno, um quadro em que se citam os 31 grupos Páno com informações específicas sobre cada um deles, principalmente sobre o uso da língua. Essa informação sociolinguística visa salientar a necessidade de se ampliar as pesquisas das línguas Páno e também enfatizar a importância de se dar mais colaboração para os grupos Páno na manutenção de suas línguas.

Após essa exposição espera-se contribuir para chamar a atenção da necessidade de haver mais informações das línguas Páno para se chegar a uma maior segurança nas classificações das línguas Páno em famílias.

Família linguística Páno

A família linguística Páno reúne línguas faladas por grupos indígenas localizados no Brasil, Peru e Bolívia. Como já observaram vários estudiosos (ERIKSON, 1992), esses grupos ocupam uma área bastante delimitada geograficamente (ver Mapa 1).

A primeira classificação das línguas Páno em família foi feita em 1890 por La Grasserie. Ele, inicialmente, viu semelhanças entre as línguas Conibo, Cilino, Maxuruna, Caripuna, Pakaguara e Pano (Wariapano). Depois Brinton, em 1891, parte das observações de La Grasserie incluindo mais línguas assemelhadas formando um total de 18.

Classificaram também as línguas Páno: Rivet e Tastevin, em 1927, Nimuendaju, em 1932, Loukottka, em 1952, McQuwon, em 1955, d'Ans, em 1973, Shell, em 1965, e Loos, em 1999. Essa última é a que está ilustrada logo em seguida:

Languages of the Pano Family

(Línguas da família Páno)

The Yaminawa Subgroup (Subgrupo Yaminawa)

- 1 Yaminawa (Br e P)
- 2 Amawaca (P)
- 3 Cashinawa/Honikoin (Br e P)
- 4 Sharanawa/Shanendawa/Chandinawa/Inonawa/Marinawa (P)
- 5 Yawanawa (Br)
- 6 Chitonawa (P)
- 7 Yoranawa/Nawa/Parquenawa (P)
- 8 Moronawa (Br)
- 9 Mastanawa (P)

The Chacobo subgroup (Subgrupo Chacobo)

- 10 Chacobo (Bo)
- 11 +Arazaire (P)
- 12 +Atsawaca (P)
- 13 +Yamiaka (P)
- 14 Katukina/Camannawa/Waninnawa (Br)
- 15 Pacawara (Bo)

The Capanawa subgroup (Subgrupo Capanahua)

- 16 Capanawa/Pahenbakebo (P)

- 17 Shipibo/Conibo/Xetebo (P)
- 18 +Remo (Br)
- 19 Marubo (Br)
- 20 +Wariapano/Panobo (P)
- 21 Isconawa (P)
- 22 +Canamari/Taverí/Motoinahã (Br)

Ungrouped Languages (Línguas sem agrupamento)

- 23 Cashibo/Cacataibo/Combo (P)
 - 24 +Culino (Br)
 - 25 +Karipuna (Br)
 - 26 Kaxarari (Br)
 - 27 Matses/Mayoruna (Br)
 - 28 +Nokamán (Br)
 - 29 +Poyanáwa (Br)
 - 30 +Tutxinawa (Br)
- (LOOS, 1999, p. 229)

Observando as classificações consideradas e disponíveis na literatura, nota-se que há algumas dificuldades nessa tarefa que não estão relacionadas à competência do pesquisador. Isto é, essas dificuldades passam por situações que independem do esforço do pesquisador interessado.

Sabe-se que os pesquisadores se deparam com uma grande dinamicidade entre os grupos Páno. Por exemplo, algo que sempre existiu entre os Páno são as mudanças de pessoas de um grupo Páno para outros. As motivações são várias, como conflitos internos, vontade própria ou casamento.

Outra realidade com que os pesquisadores se deparam é quanto aos etnônimos Páno. Esses sempre foram usados pelos pesquisadores e assumidos pelos grupos sem uma averiguação de sua originalidade e tradição. A consequência disso foi a enorme ocorrência de etnias terem sido identificadas por um mesmo etnônimo, por exemplo, Jamináwa e

Katukina, ou usar mais de um etnônimo para uma mesma etnia, por exemplo, Mayoruna, Caliseca e outros. Mas essa realidade tem mudado sensivelmente, pois alguns dos grupos Páno têm reivindicado serem identificados por etnônimos que eles mesmos assumem como sendo deles.

No contexto de reivindicação de outro etnônimo podem ser citados os Huni Kuin, anteriormente reconhecidos somente por Kaxinawá, os Noke Koin conhecidos por Katukina, os Shanenáwa que também eram conhecidos pelos não índios por Katukina sem que se tratasse de um mesmo grupo étnico.

Somado a todas as informações, devem ser destacados os grupos Páno como os Náwa e os Apolima-Arara, bem como o resgate de suas línguas como Saináwa, além de outros fatores como aqueles “apelidos” usados como etnônimos nas classificações. Muito deles são apresentados por Loos (1999) e discutidos, em parte, na sequência deste artigo.

Todas essas questões podem levar o estudioso a se equivocar na citação das línguas e, conseqüentemente, na classificação dessas línguas em família. Mas, a cada pesquisa, aproxima-se mais de uma classificação da família linguística Páno mais satisfatória.

Falantes de línguas Páno

As línguas citadas na classificação Páno anterior (LOOS, 1999), que estão antecipadas pelo sinal (+), não são mais faladas. Observa-se que nessa classificação não consta a língua Náwa (Br) que está no processo de revitalização. Da mesma forma, também não inclui a língua Nukiní. Já a língua Remo é citada como se fosse falada anteriormente por grupo radicado no Brasil.

Sobre a língua Remo, não se encontrou nenhum indício de falantes originais dela, pois não se sabe desse grupo residindo no Brasil. Essa afirmação se pauta no fato de que a partir de 1984 passou-se a buscar indícios deles perguntando aos nativos da região. Não se tem notícia deles, nem mesmos entre os membros de órgãos de apoio aos grupos indígenas, como CIMI, é mencionada qualquer informação sobre eles. Portanto, enquanto grupo de maioria Remo, é quase impossível ter estado no Brasil. Eles não são conhecidos nem mesmo enquanto integrantes de outros grupos ou foram citados.

Outro dado é que Oppenheim (1936) acredita que “Rhemus” não são os “Nucuinis”. Isso também se confirmou durante pesquisas de campo com os Nukiní, a partir de 2000, quando se procurou saber se essa informação se confirmava. Os Remo não parecem ter sido os Nukiní.

Assim, acredita-se que os Remo, nem de forma isolada, estiveram entre qualquer grupos indígenas que vivem no Brasil, pois entre outros grupos, como Amahuaca e Náwa, também não se confirmou presença deles ou notícia sobre eles. Isso é importante dizer, já que se sabe que há Amahuaca vivendo entre grupos Páno no Brasil, por exemplo, entre os Apolima-Arara. Confirmou-se também, em 2004, que há Poyanáwa vivendo entre os Náwa. Essas constatações foram assumidas pelos grupos indígenas em pesquisa de campo com eles.

Outra observação que se faz das línguas dos grupos citados na classificação Páno é sobre a língua Karipuna Páno. Ela não se confirma ter sido falada por nenhum grupo Páno no Brasil já que não se confirma também grupo de língua Páno com o nome de Karipuna. O que se pode confirmar é que certa vez (1989) constatou-se que havia falantes de Karipuna na região de Rondônia, mas esses eram falantes tradicionais de língua de família não Páno.

Na ocasião dessa pesquisa, conversou-se com alguns desses índios quando um Karipuna estava hospitalizado, em 1989, em Porto Velho (RO). Esses aceitaram conversar e informaram alguns dados na língua nativa deles. Um dos dados coletados foi “peixe”, obtendo como correspondente na língua dele [pi’ra]. Afirmaram nunca ter tido conhecimento de algum grupo indígena com esse etnônimo e que falasse uma língua diferente da deles.

Ainda sobre as línguas citadas na classificação de Loos (1999), a respeito das línguas Tuxináwa, Moronáwa e Nokaman, não se teve informação em campo que afirmasse a existência de algum desses grupos naquela região do Brasil até então. Mas isso se pode ser explicado se considerar-se que pouco se sabe dos etnônimos originários dos Páno que assumem ser assim chamados. Sabe-se que foi comum, por muito tempo, um grupo indígena nomear outro para os não índios. Os grupos comumente se autodenominam por expressões que significa “gente”, “pessoa”, “homem”. Muitas vezes acrescentavam-se expressões como [koin] ~ [kuĩ] “verdadeiro” ou o pluralizador [βo] com suas variações fonéticas (AGUIAR, 2008). Isso pode ser entendido como indício de pouca centralidade ou validade de os grupos Páno terem um etnônimo específico e originário. Ou seja, para os grupos indígenas Páno o etnônimo parece não ter sempre existido. Ou mesmo pode-se levantar a hipótese de que ter um etnônimo não tenha sido algo tão relevante e/ou necessário para eles.

Os Páno e os autoetnônimos

Assumir que para um grupo ter um etnônimo é necessário pressupor que há uma relação dele com o outro. Acredita-se que o nomeador sempre é aquele que inicialmente necessita identificar algo ou alguém para ele mesmo. Isso acontece em quase todas as situações no ato de nomear. Ao nomeado cabe aceitar ou não. Quando as relações desses dois, nomeador e nomeado, são cordiais, regular e equilibrada, as motivações podem ser

acordadas por ambos. Do contrário, se a relação daquele que identifica com aquele que é identificado, no caso, for de modo tenso, há grandes chances desses “nomes” serem de conteúdos semânticos pejorativos. “Nomes” impostos sempre terão como motivações elementos significativos apenas para o nomeador e não para o outro, o nomeado.

Essa questão dos etnônimos que envolve conhecimentos onomásticos deve ser mais bem estudada e aprofunda, como faz, por exemplo, Solis (2010), em seu artigo *Etnónimos y nombres de lenguas Pano: una contabilidad problemática*.

Todavia, importa levar em consideração a complexidade que envolve as línguas Páno, pois se deve identificá-las com os seus falantes. Falantes esses que precisam ser reconhecidos de modo a não tomar um pelo outro. Esse é princípio básico como foi feito na identificação dos três grupos “katukina” do Brasil.

Retomando a questão de nomeação. No caso dos grupos Páno, foi num contexto de conflito que se deu a identificação deles. Historicamente esses grupos tenderam a racharem-se por “desavenças” variadas e/ou guerras intergrupais. Também se dividiam por motivo de sobrevivência, pois se entende que uma comunidade nômade e coletora sobrevive melhor estando em menor número e essa foi a realidade dos índios Páno por muito tempo.

Dentro desse quadro, acredita-se que o que houve foram relações não amistosas entre os grupos. Assim, é esperado o surgimento de etnônimos motivados a partir de alguma característica do grupo que era mais visível pelo outro, e não por ele mesmo.

Considerando isso, e retomando a diversidade de nomes citados pelos estudiosos, é compreensivo haver divergência de etnônimo de um mesmo grupo e ter mais de um etnônimo. Também é natural acontecer de esse etnônimo nem sempre ser assumido por seu receptor. O resultado pode ser mais de um etnônimo para um mesmo grupo.

Possivelmente, o grupo termina por assumir um etnônimo para os não índios, já que para esses não índios, fazem-se necessário um meio para identificar a fonte dos seus estudos, certificando, assim, a qual grupo estão se referindo. No caso dos estudos linguísticos, necessita-se de um etnônimo para identificar o grupo daquelas pessoas que se tomaram por colaboradores para estudo.

Assim assumido, restam aos panólogos conviverem com os etnônimos conhecidos por hora e, sempre que possível, consultar os grupos Páno por qual etnônimo eles preferem ser reconhecidos pelos não índios e demais grupos indígenas.

Sobre a não centralidade de um autoetnônimo para os Páno tem-se o caso dos Noke Koín. Entre eles, o que se encontra são nomes de clãs. Cada clã tem um nome referente ao elemento que gerou um casal, formando assim o grupo. Esses nomes de clãs são assumidos naturalmente por eles desde tempos passados, reportados desde o primeiro encontro da

pesquisadora com eles, em 1984, o que não aconteceu com o etnônimo deles. Isso remete, possivelmente, a ausência de um etnônimo geral para o conjunto de clãs.

Diferentemente dos Noke Koin é o grupo Apolima-Arara. Eles se nomearam por esse etnônimo. Eles são formados por várias etnias, conseqüentemente, eles são falantes tradicionais de no mínimo quatro línguas Páno, a saber, Shipibo, Shawátáwa, Jamináwa, Amahuaca.

Certificação das línguas Páno

Para classificar as línguas em famílias tem-se que identificá-las com os grupos que originalmente as falam. Isso garantiria uma margem de legitimidade da existência do grupo e a certificação dessas línguas. Admitindo-se que os etnônimos, até então sabido, é um fator que dificulta uma classificação segura da família Páno. Soma-se a isso o fato de um mesmo grupo poder ser composto de mais uma etnia. Isso resulta na constatação de haver falantes tradicionais de diferentes línguas Páno compondo um mesmo grupo. Dentro do que se tem conhecimento, é esse panorama que o linguista pesquisador tem para classificar as línguas Páno em família.

Outro fato é que, de tempo em tempo, se constata a existência de grupos que se criam ter desaparecidos, por exemplo, os Kontanáwa. Há, ainda, casos em que grupos Páno estão revitalizando sua língua tradicional, como é o caso do Nukiní, e outros se assumindo como grupos indígenas, como é o caso do Náwa e Apolima-Arara. Esses fazem parte dos grupos de índios ressurgidos.

Essa questão de etnônimos desencadeia outra questão que não é central aqui, mas vale apresentá-la. Essa questão é se a reunião de falantes tradicionais de línguas indígenas forma um povo ou um grupo. Sabe-se que o etnônimo quase sempre é o nome da língua, mas importa saber se se trata de um grupo indígena ou se é um povo.

Grupo ou povo Páno

É muito relevante pontuar o que leva o pesquisador tratar de grupo e não povo quando se estuda língua indígena Páno. Primeiro é assumir que o nome dado às línguas é sempre o mesmo que refere ao etnônimo do conjunto dos falantes. Isso é verdadeiro para, pelo menos, os Páno. O segundo ponto é o fato de que historicamente cada conjunto de pessoas de línguas Páno é formado por mais de uma etnia. Sabe-se, inclusive, que faz parte

dos hábitos desses povos o rapto de mulheres e crianças de tribos “inimigas”. No caso dos Remo, eles foram escravizados por outros falantes Páno por longos anos. Essa informação foi obtida em relatos de nativos Shipibos em Pucallpa, em 1989.

Reforça-se a questão de que ainda não se podem definir grupos indígenas falantes de línguas Páno e nem suas localidades de forma precisa. Pelo menos isso se aplica àqueles grupos radicados no Brasil. Como exemplo, tem-se o caso dos Saynáwa entre os Jaminawa do Igarapé Preto (COUTO, 2015), Poyanáwa entre os Náwa, Noke Koin (Katukina) entre os Marubo e outros casos de falantes tradicionais Páno vivendo com grupo falantes de língua Páno, mas diferentes da deles.

Importa chamar a atenção para a dinamicidade dos Páno. Apesar do discurso equivocadamente elogiando a “fortaleza” das mulheres e das crianças raptadas alegando que elas se adaptaram ao “seu novo ambiente”, Romanoff et alii (2004) assumem que o grupo Matsés é composto por pessoas de outras etnias. Evidencia-se também que tanto os Matsés quanto os Marubo, tiveram mulheres e crianças de outras etnias entre eles.

Como resultado de estos mutuos ataques, los Matsés perdieron gente y también absorbieron mujeres y niños de otros grupos. Se debe admirar la fortaleza de estas mujeres y niños, quienes se adaptaron a su nuevo ambiente, aprendieron a hablar el idioma Matsés y empezaron una nueva vida. La población original con las personas absorbidas de las otras etnias (ROMANFF et alii, 2004, p. 136).

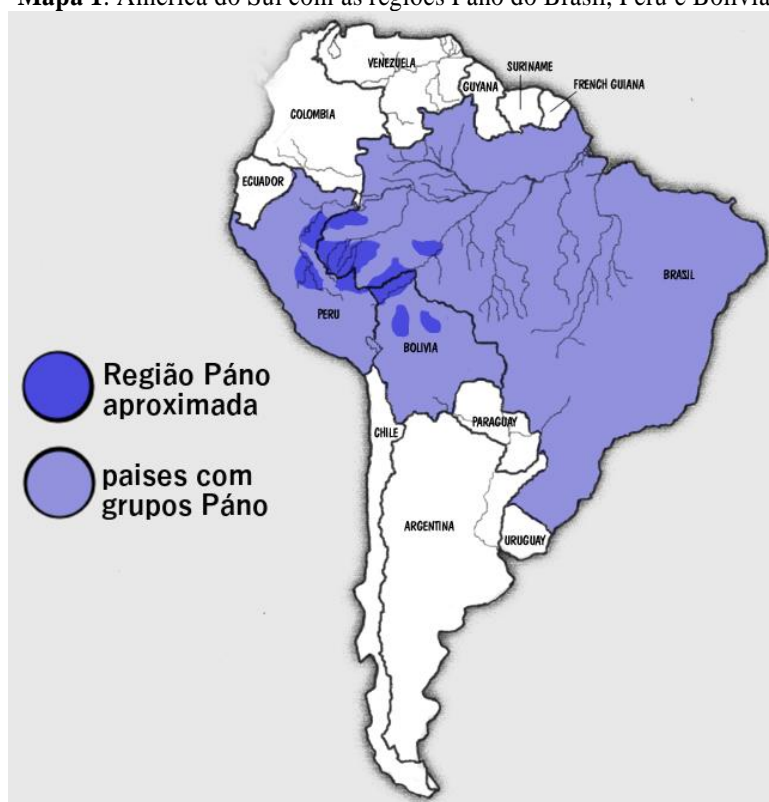
Por fim, outro precedente a se considerar e que leva o pesquisador a se equivocar é o grupo indígena rever seu etnônimo. Assim, não se consegue mapear com segurança os grupos e nem suas línguas. Esse é o caso do Noke Koin, que sempre se dizia ter por etnônimo “Katukina”.

Além desses pontos elencados, há ainda compromissos assumidos por pesquisadores junto aos grupos indígenas em estudo de não divulgação de informações sobre eles. Normalmente, esses compromissos, extremamente legítimos, são válidos por um período determinado. Então, esse é um ponto menos relevante para a classificação das línguas, pois logo os dados e análises estarão disponibilizados. Mas todos esses casos citados aqui reforçam o fato de que é prematura a classificação Páno definitiva e que é mais realista referir aos Páno por grupo.

Os grupos falantes de línguas Páno

As línguas Páno são faladas por grupos que residem em uma região geográfica bastante delimitada. Vê-se no Mapa 1 essa delimitação em que evidencia as regiões próximas que são ocupadas por falantes tradicionais de línguas Páno situadas no Brasil, Peru e Bolívia, na América do Sul, formando um conjunto territorial.

Mapa 1: América do Sul com as regiões Páno do Brasil, Peru e Bolívia



Fonte: A autora

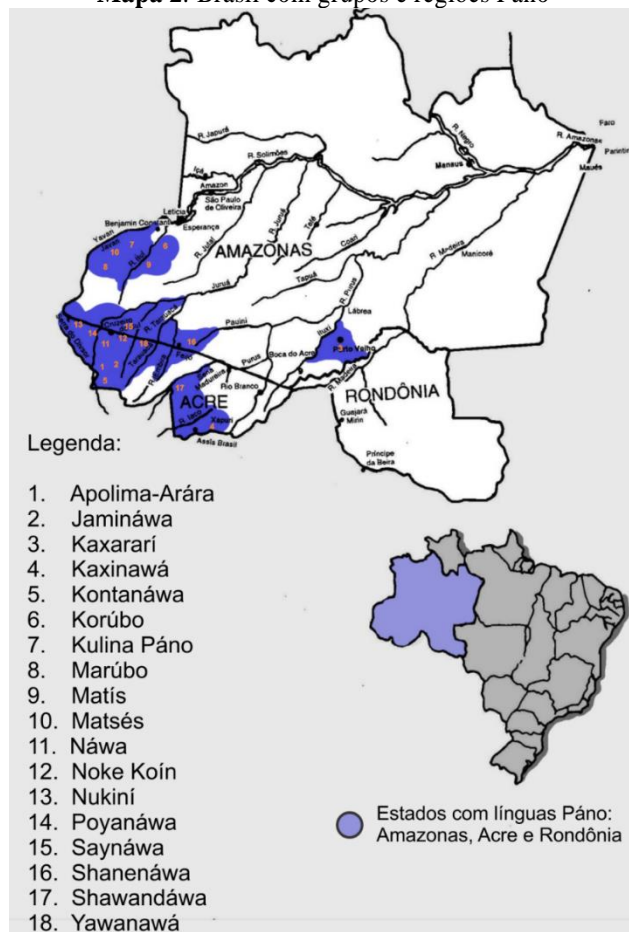
Considerando essa união territorial dos grupos, pode afirmar-se que no Brasil, até então, têm-se um total de 18 grupos indígenas falantes tradicionais de línguas Páno. Eles são os seguintes: Apolima-Arara, Jamináwa, Kaxararí, Kaxinawá, Kontanáwa, Korúbo, Marúbo, Matis, Matés, Náwa, Noke Koin, Nukiní, Poyanáwa, Saynáwa, Shanenáwa, Shawantáwa [šawan´dawa], Yawanawá e Kulina Páno.

Segundo o “Diagnóstico sobre a Educação Escolar Indígena na T.I. Vale do Javari”¹, elaborado pelo Centro de Trabalho Indigenista, na TI Vale do Javari,

os povos indígenas [Marubo, Matis, Mayoruna e Kulina] são os mais numerosos e possuem uma marca semelhante: habitação em malocas, o uso de ornamentos faciais, a tatuagem, as nomenclaturas de parentesco que lembram os sistemas australianos e as fragmentações das unidades etnopolíticas.

Segue o Mapa 2 mostrando esses grupos falantes tradicionais de línguas Páno que vivem em território brasileiro e apontam a localização aproximada, de cada um deles que foram certificadas entre 2013 e 2014.

¹ Disponível em: <https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/documentos/diagnostico-sobre-a-educacao-escolar-indigena-na-t-i-vale-do-javari/>. Acesso em: 10 out. 2017.

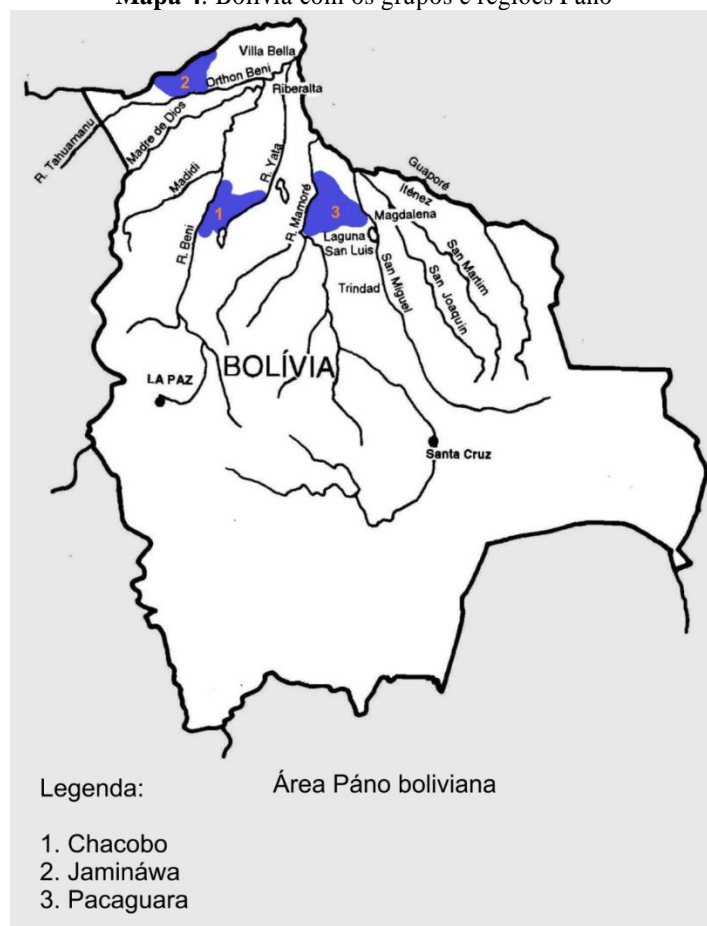
Mapa 2: Brasil com grupos e regiões Páno

Fonte: A autora

O Mapa 2 mostra 18 grupos de língua Páno no Brasil. Identificam-se 14 grupos no Peru no Mapa 3. A localização geográfica mostrada nesse mapa é apenas aproximada e as informações apresentadas dos grupos Páno no Peru, quase todas, foram obtidas através de estudos outros pesquisadores.

apesar de se saber que o termo *jamináwa* ou *yaminahua* é um etnônimo usado de modo genérico.

Mapa 4: Bolívia com os grupos e regiões Páno



Fonte: A autora

Importa dizer que uma classificação das línguas Páno é algo extremamente importante para os estudiosos. No entanto, vale reafirmar que há de se entender que ela ainda é algo prematuro. Essa afirmação se apoia na precariedade do conhecimento que se tem dessas línguas e dos seus grupos. Além da polêmica sobre os etnônimos atribuídos a esses grupos (AGUIAR, 2008). Usando as palavras de Abreu (2008, p. 160):

É de se notar que não são poucas as investidas de classificação e as que foram citadas não são as únicas, o que deve sugerir que qualquer uma delas, por melhor que se apresentasse, não teria satisfeito plenamente a necessidade de sistematização desse conjunto de línguas. As classificações oscilam entre a inclusão ou exclusão de línguas, o enfoque geográfico e o linguístico, mas muitas dificuldades estão relacionadas com o próprio reconhecimento de cada uma das línguas e suas denominações.

O problema é que os etnônimos não apresentam uniformidade, colocando toda a questão numa verdadeira barafunda de nomes e apelidos étnicos. Somado a tudo isso, tem-se ainda a grande dispersão dos agrupamentos Páno ao longo de sua história de guerras e perseguições, com fracionamentos e reuniões de grupos de etnias variadas em aldeias comuns, além das estratégias estabelecidas por vários grupos Páno (considerados inimigos perigosos dos não índios) de esconder a sua identidade e mesmo adotar a de outros povos considerados amigos dos colonizadores.

Nesse processo, cada povo, ou conjunto deles, foi recebendo variadas denominações, seja das pessoas com quem eles tinham mero contato, seja de vizinhos, seja de inimigos, ou ainda das esparsas informações de estudiosos e missionários estrangeiros que adentraram a Amazônia Ocidental nos primeiros decênios da fase de contato.

O relevante aqui é entender que são necessários esforços de outra ordem além do que linguístico, como, por exemplo, se assegurar que se trata de grupos indígenas ou se de povos indígenas. Sabe-se que, vez por outra, pesquisadores afirmam ter encontrado falantes de língua tradicional diferente da daqueles em que eles vivem. Um desses casos é o Saynáwa, língua de 7 falantes tradicionais que se integram ao grupo Jamináwa de Terra Indígena Jamináwa do Igarapé Preto no município de Cruzeiro do Sul (AC), Brasil (COUTO, 2015). Outro caso semelhante que leva a considerar o termo *grupo* e não *povo* como é o caso do Apolima-Arara, Marúbo e do Matsés. Esses são formados por várias etnias.

Entre os Yawanawá também se confirma que eles são formados por diferentes povos. Segundo afirma Paula (2004, p. 35), “o povo yawanawa é formado por remanescentes de vários povos, alguns destes já extintos e outros tendo apenas descendência”.

Também durante pesquisas entre Nawa, Nukini, Poyanáwa, Kaxinawá, Shawantáwa e Shanenáwa se soube que pessoas de outra etnia vivem entre eles. Isso se confirma facilmente quando se faz levantamento populacional e outras investigações. Sempre se soube que tiveram pessoas de outras etnias em um mesmo grupo. Isso acontecia por vários motivos, um deles são as guerras que havia entre grupos. Com elas uns levavam mulheres e crianças

uns dos outros. Sem incluir o fato de que, às vezes, essas guerras tinham também essa função, configurando assim essa mistura.

Portanto, pode-se assumir que se trata de uma característica dos grupos indígenas, Páno ou não, terem membros de outro grupo. Mesmo com essa realidade tem sido possível realizar classificação das línguas Páno partindo das línguas predominantes desses grupos e prevendo que se incluirão a essa classificação aquelas línguas na medida em que se confirmarem existir entre aquelas já conhecidas.

Assim, como mostram os Mapas 1, 2, 3 e 4, no Brasil há 18 grupos falantes de línguas Páno, 14 no Peru e 3 na Bolívia. Confirma-se, até então, a existência de 31 grupos de língua tradicional Páno. Esse total não é uma soma, como já se mencionou, porque Jamináwa está presente em todos os 3 países, o Kaxinawá em dois países, além dos Matsés e outros, possivelmente. (Ver: Quadro Único: Grupos Páno).

Os Mapas 1, 2, 3 e 4, também mostram que, no Brasil, os grupos Páno estão reunidos no Acre, Amazonas e Rondônia; no Peru estão nas regiões do rio Trapiche, Ucayali, Yaco e Manu; e na Bolívia eles estão na região do rio Beni, Mamoré e Madre de Dios. Em todos esses países há índios Páno vivendo fora dos seus grupos, normalmente, nas periferias da zona urbana. Isso compromete a manutenção da língua tradicional dos Páno, como é mostrado na sequência.

O uso da L1 e L2 nos grupos Páno

Os Páno são grupos de situação de uso da língua tradicional ou não muito variada. Mas isso depende de muitos fatores, principalmente o número populacional e incentivo cultural recebido dos órgãos competentes. Todavia, ocupa-se, por hora, de apenas de alguns dados no quadro que segue.

Apresenta-se o Quadro Único, em seguida, informando o país em que é radicado o grupo, sua população estimada, o uso da língua tradicional (L1), o uso da língua 2, o português ou o espanhol e o risco do grupo perder a língua tradicional (L1).

Quadro Único: Grupos Páno

Povo Páno	UF	N. POP	Uso L1	Uso L2	Risco de perda da L1
1 Amahuaca	Peru	247	Sim	Sim	Não
2 Apolima-Arara	AC	135	---	X	---
3 Capanahua	Peru	267	Sim	Sim	Não
4Cachibo-Cacataibo	Peru	2.500	Sim	Sim	Não
5 Chacobo	Bolívia	495	Sim	Sim	Sim

6 Isconahua	Peru	240	Sim	Sim	Sim
7 Jamináwa	AC	230	---	X	---
	Peru	324	---	x	---
	Bolívia	630	---	x	---
8 Jamináwa-Arara	AC	128	Não	X	Sim
9 Kaxarari	AM/RO	445	Sim	X	Sim
10 Kaxinawá	AC	3.964	Sim	X	Não
	Peru	775	Sim	X	Não
11 K orubo	AM	34	Sim	Não	Não
12 Kontanáwa	AC	240	---	X	Sim
13 Kulino-Páno	AM	32	---	Sim	Sim
14 Marinahua	Peru	20	---	Sim	Sim
15 Marubo	AM	2.008	Sim	Sim	Não
16 Mastanahua	Peru	117	---	Sim	Sim
17 Matis	AM	457	Sim	Sim	Não
18 Matses	AM	1.700	Sim	Sim	Não
	Peru	2.500	Sim	Sim	Não
19 Murunahua	Peru	100	---	Sim	Sim
20 Nahua	Peru	285	---	Sim	---
21 Náwa	AC	380	Não	Sim	---
22 Noke Koin	AC	845	Sim	Sim	Não
23 Nukini	AC	425(+100)	Não	Sim	---
24 Pacaguara	Bolívia	62	Não	Sim	---
25 Poyanáwa	AC	745	Não	Sim	---
26 Saynáwa	AC	7	Não	Sim	---
27 Shanenáwa	AC	458	Não	Sim	Sim
28 Sharanahua	Peru	446	Sim	Sim	---
29 Shawandáwa	AC	275	Sim	Sim	Sim
30 Shipibo-Conibo	Peru	33.787	Sim	Sim	Não
31 Yawanawá	AC	831	Sim	Sim	Não

Fonte: Elaborado pela autora

Considerações finais

Diante do exposto, assume-se que os falantes tradicionais de línguas Páno estão distribuídos em grupos que são formados, em sua maioria, por mais de uma etnia. Assim admitido, acredita-se ser mais apropriado referir a eles como grupo e não povo. Mas importa também, considerar com os grupos/povos como eles preferem ser reconhecidos.

Chamar um conjunto de indígenas que vivam em um mesmo território por grupo ou por povo, sabe-se que é uma questão de conotação política. Pode-se insinuar valorização e/ou desprestígio. Nesse sentido, sabe-se que os grupos radicados no Peru não aceitam ser chamados de índios. Eles querem ser reconhecidos por nativos. Já os grupos radicados no Brasil não sentem ofendidos por serem tratados por índios e indígenas. Assim, volta-se para o fato de como essas pessoas querem ser referidas: grupos indígenas, povos indígenas, povos nativos ou somente nativos.

Outro ponto a considerar é que, dentre esses grupos, muitos são apenas “conhecedores de suas línguas tradicionais”, pois não a usam. Isso remete a necessidade de investir na valorização dessas línguas que só se torna possível se se investir na autoestima dos grupos indígenas. Uma das formas é produzir com eles material didático para disponibilizá-los na escola deles.

De acordo com o que se viu no quadro, têm-se 31 grupos Páno distribuídos no Brasil, Peru e Bolívia. Há grupos que habitam nos três países, como é o caso do Jamináw/Yaminahua; e há grupos localizados no Peru e Brasil, como os Kaxinawá/cashinahua e Matsés, conhecidos pelo etnônimo Mayoruna a contragosto de seus membros.

Havendo conhecimento das várias necessidades de pesquisas e colaboração para manutenção das línguas Páno pelos grupos, haverá mais segurança nas classificações dessas línguas em famílias. Isso já vem acontecendo, mesmo de forma lenta, mas contínua. Pois cada um, da sua forma, tem dado sua contribuição.

Referências

ABREU, Paulo C. R. *Diversidade linguística histórica e suas características ergativas*. Goiânia, 2008, 312 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2008.

AGUIAR, Maria S. Names of Pano group and the endings –bo, nawa, and huca. *UniverSOS*, n. 5, p. 9-69, 2008.

_____. *Aprender Nukini*. Rio Branco: Secretaria de Estado de Educação do Acre, 2004. 101p.

_____. Los grupos nativos “Katukina”. *Amazonía Peruana*, Lima: CAAAP, n. 23, t. 12, p. 141-152, 1993.

BRINTON, Daniel. *The American race: a linguistic classification and ethnographic description of the native tribes of North and South American*. New York: Hodges, 1891.

COUTO, Cláudio. *A fonologia do Saynáwa (Pano): a língua falada pelos índios Saynáwa/Jamináwa da Terra Indígena Jamináwa do Igarapé Preto (Acre/Brasil)*. Utrecht: LOT, 2015. 401 p.

ERIKSON, Philippe. Uma singular pluralidade: a etno-história pano. In: CUNHA, M. C. *Histórias dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LOOS, Eugene E. Pano. In: DIXON, W. R. M.; AIKHENVALD, A. Y. (Ed.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP, 1999, p. 226-250.

NIMUENDAJU, Curt. Idiomas indígenas del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*. Tucumán (Argentina), Universidad Nacional de Tucumán, t.2, p. 543-618, 1932.

OPPENHEIM, Victor. Notas ethnographicas sobre os indígenas do alto Juruá (Acre) e Valle do Ucayaly (Perú). *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 8, p. 145-155, 1936.

PAULA, Aldir. A língua dos índios yawanawá do Acre. 2004, 302 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RODRIGUES, Arion. Línguas indígenas brasileiras. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB. 2013. 29 p.

ROMANOFF, Steven; JIMENEZ H., Daniel M.; BËSO, Fernando Sh. U.; FLECK, David W. *Matsesën nampid chuibanaid/La vida tradicional de los Matsés*. Lima: CAAAP, 2004. 148 p.

SHELL, Olive. Las lenguas Pano y su reconstruccion. *Estudios Panos III*, Série Lingüística Peruana, Lima (Perú): Instituto Lingüístico de Verano, n. 12, 1975. 211 p.

SOLIS, Gustavo. Etnónimos de lenguas Pano: una contabilidad problemática. *Lengua y sociedad*, v. 10, n. 1, p. 9-16, mar. 2010.

<http://www.trabalhoindigenista.org.br/programa-javari>. Acesso em: 3 out. 2016.

<http://www.ethnologue.com/language/xpk>. Acesso em: 15 mar. 2017.

MARIA SUELÍ DE AGUIAR

Doutora em Linguística. Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). CV: <http://lattes.cnpq.br/0950467502306607>. E-mail: aguiarmarias@gmail.com.